

A TEMÁTICA DA MORTE NA LITERATURA CABO-VERDIANA DE FICÇÃO

*Margarida Maria de Menezes Ferreira Miranda Fernandes**

Resumo: Esta abordagem da temática da morte através da literatura de ficção, entendida enquanto objecto cultural, pretende demonstrar a pertinência da utilização desta fonte pela antropologia. Não dispensando, naturalmente, o recurso a outras fontes e aos métodos e técnicas da antropologia, a literatura de ficção pode desempenhar um papel não desprezível na compreensão das representações sociais de uma dada cultura.

Palavras-chave: Cabo Verde, Morte, Secas, Fome, Antropologia, Literatura de ficção.

O objectivo global do projecto visa explorar a relação dos cabo-verdianos com a morte e aponta para a utilização de vários tipos de discurso dos quais se destaca a literatura escrita de ficção.

De entre os vários textos que referem rituais de morte destacam-se os que abordam crises resultantes das secas e as suas consequências. Ao apresentar este pequeno esboço pretendo estabelecer uma ligação, que me parece útil, entre as ciências sociais e a literatura de ficção.

A Antropologia, enquanto ciência social, surge com o propósito de estudar os povos e, em particular o "outro", os povos "sem história" e "sem escrita". Assim, a antropologia privilegiou o discurso oral nas suas análises. A constatação de que todos os povos têm história e a generalização do uso da escrita obriga, necessariamente, a repensar as fontes de que o antropólogo se socorre na percepção da sociedade estudada.

Assim, e a par do reconhecimento dos documentos oficiais e de outras fontes escritas, parece-me relevante ter em conta a literatura de ficção. Trata-se de atribuir à literatura escrita uma legitimidade de fonte que a antropologia sempre reconheceu à literatura oral, tomando-as como equivalentes e tratando, cada uma delas, com as cautelas recomendadas para qualquer fonte, sujeitando-as ao confronto com outras versões disponíveis pelo que não dispensa, naturalmente, um conhecimento antropológico mais geral da cultura a estudar.

Se a literatura de ficção nos pode fornecer o pano de fundo para esta abordagem é exactamente porque, enquanto produção cultural, a literatura cabo-verdiana fez seu objecto e seu texto a realidade das ilhas. No processo de criação literária, como escrevia Jean Copans, "O escritor vai-se transformando em investigador para descrever uma certa realidade utilizando os documentos e as técnicas do trabalho de campo." (Copans, 1981[1971]:37). É precisamente esta a fonte de legitimação do discurso de ficção enquanto produto cultural. Efectivamente, como refere Carvalho, "(...) não tem qualquer sentido defender que as ideias e a verdade de um texto literário são entidades pré-existentes e autónomas em relação ao texto que as engendra ao mesmo tempo que as profere." (Carvalho, 1985:216).

Na literatura de ficção cabo-verdiana imperam as temáticas locais, de que Teixeira de Sousa nos dá conta através de Helder, o escritor de *Djunga*, que lamenta que "(...) escrito que não leve quatro dúzias de Nhôs e Nhás¹, que não contenha catástrofes naturais, partida para a terra distante, não é literatura legal" (Teixeira de Sousa, 1990:17).

* Universidade Nova de Lisboa.

¹ Nhôs, senhores; Nhás, senhoras. Estas expressões adoptam grafias diversas nos vários autores.

Vários autores — entre os quais Teixeira de Sousa que afirma que a “«(...)cultura, longe de ser ornamento, é, antes de mais, consciência»” (Teixeira de Sousa citado por Carvalho, 1985:215)² — assumem a sua responsabilidade perante a sua terra e a sua gente e utilizam os meios de que dispõem para lhes dar voz.

O movimento literário associado à revista *Claridade* (fundada em 1936)³.

“(...) descobriu as asprezas, os rumores, os cheiros, o isolamento oceânico, a ânsia de partir, o desespero das secas, da fome, da sede, descobriu esta prisão sem grades que são as ilhas de Cabo Verde. A seguir veio outra geração que descobriu o social, o económico, o colonialismo, sem se desarticular da *Claridade*, (...)” (Teixeira de Sousa, 1990:273.)

Da pesquisa de obras de ficção ressalta a recorrência da temática da morte e a possibilidade de se efectuar uma análise etnográfica desses textos, o que permitiu estabelecer um paralelismo entre a ficção e a realidade.

AS “CRISES” EM CABO VERDE

Devido à sua localização geográfica (prolongamento do Sahel) e a factores climáticos, em larga medida associados a essa mesma localização as secas, “conhecidas desde os primórdios da colonização (1462)” (Semedo e Turano, 1997:31.), são frequentes no arquipélago.

A característica climática mais temida, e cujos efeitos se apresentam como mais duradouros, é, sem dúvida, o harmatão ou vento de leste, também conhecido por lestada (Cf. Amaral, 1964 e também Semedo e Turano, 1997). Estes ventos, originários do continente africano, mais precisamente do Saara, provocam vendavais devastadores e secas prolongadas. Manuel Lopes descreve a zia causada por um desses vendavais:

“Sob o céu ensanguentado, a lestada devorava a superfície verde dos campos. A princípio, a crosta, as folhas e as películas de revestimento dos caules, depois o interior dos rebentos — a parte superior dos pés de milho perdia a elasticidade — até alcançar a estrutura do caule. O vento ardente descia das montanhas, como se as portas do Inferno ficassem para esses lados. Varria a superfície dos campos cobertos de verde viçoso: Por onde passava deixava manchas de amarelo—torrado, folhas doiradas dançando nos ares e um cheiro irrespirável a pimenta em pó Os milheirais agitavam-se aflitivamente, como pedindo socorro aos homens. Os feijoeiros e as aboboreiras, desamparados, acesnavam os compridos caules quase despidos de folhas. Estes eram continuamente arrancadas e levadas em turbilhão. Redemoinhos de poeira vermelha dançavam a sua dança de roda, aqui e ali.” (Lopes, 1991[1960]:85).

António Carreira dá-nos conta da fragilidade ecológica de Cabo Verde e do processo complexo e acelerado de “Degradação do ambiente climático: notória irregularidade das chuvas; avançado processo de erosão das terras provocado pelas enxurradas (quando chove) e pela acção dos ventos, facilitada pela ausência de cobertura vegetal do solo (desarborização progressiva). Do fenómeno tem resultado a perda das melhores camadas de terra, arrastadas para o mar ou pelo desnudamento das encostas e montes devido às fortes ventanias em certos períodos do ano.”(Carreira 1977:62)

Para este panorama pouco animador contribuem, ainda, outros elementos relevantes: as pragas de gafanhotos, a utilização de lenha como combustível e o número elevado de cabras⁴.

A fragilidade ecológica e a falta de meios para contrariar os designios da natureza, bem como a escassez de outros recursos naturais e económicos, agravam o impacto das crises.

² Teixeira de Sousa, “Homens de Hoje”, *Certeza*, nº 3, S. Vicente, Janeiro de 1945, p. 3, (Número retido na tipografia pela Censura), citado por Alberto Duarte de Carvalho, 1985:215.

³ Várias publicações contribuíram para a consolidação da literatura cabo-verdiana. O *Boletim Oficial*, publicado no último quartel do século XIX (Cf. Teixeira de Sousa, 1985:305), embora não tenha constituído um movimento literário permitiu divulgar alguns autores cabo-verdianos, assim como o *Almanach de Lembranças* (1854-1932). Algumas publicações importantes são ainda a revista *Certeza* (1944), o *Suplemento Cultural* (1958) e *Seló* (1962).

⁴ As cabras foram introduzidas nas ilhas no Sec. XV para fornecer proteínas aos navegadores. A sua capacidade de destruição do meio ambiente é bem conhecida. Aquilo que não comem, e comem quase tudo, estragam. Por outro lado, poucos animais resistem num habitat tão hostil. Ver Carreira, 1984[1977]:20/1.

Os cenários de catástrofe repetem-se amiúde ao longo da história das ilhas. Cabo Verde é um desafio constante. “Uma tragédia contínua numa terra flagelada pelas estiagens, onde viver é um acto heróico.” (Caniato, 1985:211). Uma maldição a que o povo, tenazmente, resiste.

MORRER DE FOME

As consequências demográficas das secas são chocantes. Em 1730, segundo Ilídio do Amaral, a população das 11 freguesias do arquipélago cifrava-se em cerca de 25.000 habitantes, em 1775 essa população estava reduzida a 1/3 devido à estiagem. (Cf. Amaral, 1964:182).

Particularmente viva na memória do povo está a fome de 1947, pela mortandade que provocou e pelo desinteresse das autoridades portuguesas que não agiram atempadamente de modo a evitar a catástrofe, resultado do que Carreira qualifica como “(...) sistemas de empatocracia que sempre, em todas as épocas, preponderaram na sociedade portuguesa(...)” (Carreira, 1984[1977]:80).

António Carreira estima que entre 1900 e 1947 morreram 82 mil pessoas “Em todo este período a taxa de mortalidade pela fome, nas fases mais agudas, rondou os 17,6% a 22,4%, em relação à população recenseada!” (Carreira, 1984[1977]:10).

As crises provocavam também alterações profundas na distribuição da propriedade e no tecido social:

“As terras mudavam de dono no fim de cada período de seca. Os pequenos proprietários vendiam as suas parcelas para conseguirem meios de escapar à fome ou para emigrarem. Muitos dos grandes proprietários levavam uma vida luxuosa que os conduziu à miséria deixando miseráveis descendentes que engrossavam a massa de candidatos à emigração⁵ ou de rendeiros dos que compravam as terras dos seus pais.” (Semedo e Turano, 1997:53).

Mesmo perante tão calamitosa situação havia quem aproveitasse para enriquecer comprando, a preços irrisórios, boas terras de cultivo e outros bens que muitos se viam obrigados a vender. Os famintos vendiam tudo o que tinham — utensílios, móveis, telhas, terras — o suor da vida inteira. A própria vida. Tudo vendido por preços irrisórios ou a troco de géneros que mal acalentavam a fome por mais uns dias.

“(...) Vendi minha hortinha. Sr. Joãozinho comprou foi canseira de fábrica onde trabalhei anos sem conta. Ele comprou a minha casa onde nasceram meus meninos, tudo quanto ajuntei debaixo de suor e fadiga, por três contos e duzentos mil réis.” (Romano, 1983[1962]:75).

As medidas de assistência, fosse ela estatal, promovida pelas igrejas ou por particulares, eram escassas, e particularmente ineficazes, para acudir a tantas bocas famintas. Como refere Luís Romano, no romance *Famintos*

“À porta das casas de Assistência onde se distribuía mantimento, as filas aguardavam as rações numa impaciência irritada(...).

Os guardas cumpriam ordens, a brandir chicotes, batendo em esqueletos ambulantes, muitas vezes facilitando a morte, a prosseguir na cruzada de exterminação dos pedintes doentios (...)

E as filas de carregadores chegavam com mais mantimentos em sacos cosidos, empilhando-os nos depósitos da Assistência.

Olhos seguiam a comida que chegava e desaparecia nos alçapões, sob a vigilância dos polícias(...).

Quem teria paciência para esperar até à quinzena nova? — perguntavam entre si à espera de uma resposta consoladora que não vinha porque ninguém tinha a certeza de aguentar com vida mais uma quinzena.” (Romano, 1983[1962]:146/7).

As fontes de alimentação incluíam tudo aquilo que parecesse remotamente comestível. “E foi então que o povo do interior da ilha [da Boavista] se lembrou da potona” (Almeida, 1994:221). O consumo de plantas impróprias tinha consequências nefastas “«(...) a mais gente morria como de peste pelas ervas e sevandilhas que

⁵ Destaca-se a emigração para outras ilhas e, sobretudo os contratos para S. Tomé.

comiam»" (Padre Barreira, ânua de 1611, citado por Carreira, 1984[1977]:17/8). Em São Nicolau, o "Povo pegou fêdegosa e muita gente morreu. Gente de S. Vicente fez morna. Morna de fêdegosa⁶." (Ferreira, 1980[1962]:56)

"Fêdegosa bô é mau

Bô Matâ nha mamãe

Bô matâ nha papai" (Ferreira, 1980[1962]:56.)

No desespero da fome "Raízes, ervas, tudo era comida." (Ferreira, 1980[1962]:56).

As mortes, por disenteria, tuberculose, febre tifóide e outras doenças — ou por fome, pura e simples — atingiam tais proporções que já não era possível dar um enterro digno à maior parte das pessoas.

"O sino soava rouco de tanto dobrar a finados. Padre Horácio encomendava dois, três mortos de uma assentada. Almas e alminhas. A padiola mortuária tinha fixado residência no ombro dos lavradores. Em tempos de boas-águas, os defuntos eram dados à terra com compostura, mas, agora, aqueles a quem o pão indeferia presença no meio dos vivos, eram atirados para a vala comum, cavada na lufa-lufa, mesmo sem mudar de trapos. À gente de coração fraco, doía ouvir falar de enterro. Planeta só dava para se livrar dos mortos. Um mal de barriga, um desmaio, e lá surgia a padiola. Seguiu-se a jornada até à igreja mais próxima à caça de encomendação. Uns morriam a caminho do seu próprio enterro, outros eram dados à terra com fôlego ainda teimosamente colado ao peito. O medo à padiola, que trabalhava sem descanso e sem cerimónia, unia as criaturas. Minguava de dia para dia o número daqueles que podiam garantir o adiamento da sua própria viagem." (Silveira, 1991:69).

Aqueles que ainda podiam, iam carregando os cadáveres para os enterrar em covas pouco fundas — que os cães e as aves de rapina desenterravam — ou para os lançar pelas arribas. "As famílias não possuíam meios, nem forças físicas para fazer transportar os seus parentes falecidos." (Carreira, 1985:22.). A partir do momento em que deixava de haver quem lhes fizesse um enterro digno da sua condição humana, muitos dos famintos que morriam pelos caminhos jaziam insepultos. (Cf. Mariano, s.d.; Romano, 1962, Lopes, 1991[1960], Carreira, 1985:22/3).

O desespero da fome implicava, não raras vezes, o afrouxamento dos laços de solidariedade e a alteração das regras de conduta moral e social⁷. A fome conduzia à marginalidade: roubos, prostituição, e violência. (Cf. Carreira, 1984[1977]:18.) "Acabara-se tudo, a amizade, a vergonha, só havia a raiva da fome." (Teixeira de Sousa, 1998[1972]:58).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convivência frequente com o macabro não causa, naturalmente, insensibilidade perante a morte. A indignidade de morrer de fome, da "(...) morte colectiva, a morte anónima. Morto morrido." (Ferreira, (1967[1948]):33)⁸ é recordada com angústia e horror pelos mais velhos.

⁶ "Planta quenopodiácia (*chenopodium vulvaria*) cujas sementes torradas substituem o café." Ferreira, 1980[1962]:194. Orlanda Amarílis dá-lhe outra grafia e compara-a não ao café mas ao chá "(...) Só se for do tempo de chá de fedagosa" (Amarílis, 1991[1974]:11). Segundo Miranda "O povo da Ilha de Santo Antão, na esperança de sobreviver, fizera recurso a sementes de uma planta leguminosa, amarga e prolixa, que, por ser venenosa, espalhara a morte entre os mais necessitados." (1989:264).

⁷ A tese da quebra total de moralidade e de solidariedade em situações de fome e miséria é levada a extremos na obra de Turnbull sobre os Ik do Uganda (Vd. Turnbull, 1989[1973]).

⁸ Em português, e em particular no contexto alentejano, expressão "morto morrido" ou "morte morrida" opõe-se a "morte matada". Aplica-se, normalmente, aos animais. No primeiro caso o animal morre de "morte natural", de doença, sem intervenção humana e a carcaça é dada como imprópria e destruída. A "morte matada" implica a morte provocada, normalmente para consumo. A título de curiosidade, e ainda no contexto do Alentejo, a pele de um animal que morreu de "morte morrida" não serve para ser usada em instrumentos de percussão. As peles usadas para esse fim deverão ser de animais saudáveis. A "morte morrida" pressupõe animais velhos e/ou doentes. Veja-se também *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto "(...) essa morte foi morrida//ou foi matada?//Até que não foi morrida//irmão das almas,//esta morte foi matada,//numa emboscada,(...)" (Neto, 1967:9). Ver também Ferreira, 1984[1971]:32 e Ferreira, 1980[1962]:35.¹⁰ O termo *tabanca*, na Guiné-Bissau designa a aldeia. No caso de Cabo Verde, na Ilha de Santiago, são associações que se assemelham às antigas confrarias mas que foram perdendo, pelo menos em parte, o seu cariz exclusivamente religioso. "(...) constatamos que os membros das actuais *tabancas* se definiram como "uma associação laica de mútuo socorro" com características de ajuda recíproca, no tempo passado em todas as circunstâncias dos momentos cerimoniais (baptismo, casamento, festividade, enterro, etc.), mas que no tempo actual só se cingem a enterros, actividades de rezas e organização das festividades do Santo padroeiro." Semedo e Turano, 1997:98.

A despersonalização da morte ocorre em situações de mortandade, como refere Mohen, (1995:235/6) para as pestes medievais. A ordem social e os ritos tradicionais são perturbados. O número crescente de defuntos abolia a morte personalizada os ritos associados à doença — que uniam o doente e os seus — desapareciam, assim como as fases da celebração fúnebre, o velório em redor do corpo, o choro e o lamento o banquete fúnebre, a procissão até ao cemitério, o enterro, já não podiam ter lugar.

Ao ideal de “boa morte”, aquela que corresponde aos padrões ideais, contrapõe-se a “má morte”. Uma “boa morte” ocorre na velhice e é natural, morte morrida. Não sendo nenhuma delas, obviamente, desejada a “boa morte” permite ao grupo zelar pelo corpo e pela alma do defunto, assegurando, assim, o seu progresso no além e, ao mesmo tempo, garantindo o bem estar da comunidade dos vivos.

A morte durante as secas — paradigma da “má morte” no contexto cabo-verdiano — altera temporariamente o equilíbrio social. Obriga à deslocação de muitas pessoas, que deixam as suas terras em busca de sustento, e suspende a observância das regras de conduta moral social.

A “má morte”, durante as secas contrasta radicalmente com a “boa morte” que, pelo contrário, apela à coesão do grupo, de que o defunto é parte integrante, e à solidariedade entre os indivíduos, através dos rituais apropriados.

O contraste é particularmente evidente nas manifestações de solidariedade, designada genericamente por “djunta mon”, que permeia os vários aspectos da vida cabo-verdiana. A constituição de associações de carácter mutualista, (Cf. Mascarenhas, 1984) na Ilha de Santiago (onde tradicionalmente estão associadas às *tabancas*)⁹ e nas comunidades de emigrantes, e o número de associados revelam bem a relevância do cumprimento dos rituais adequados, em marcado contraste com a total ausência de preceitos fúnebres nos tempos de crise.

Através da literatura de ficção destacou-se a morte durante as secas — com as suas consequências marcantes — e a ruptura que essa situação extrema provoca nas práticas e nas relações sociais.

A literatura de ficção cabo-verdiana constitui uma fonte, não desprezível, para o estudo da sociedade, nos seus mais variados aspectos, revelando, através de um discurso coerente, muito da riqueza cultural das várias ilhas de Cabo Verde.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Germano (1994) *A Ilha Fantástica*, Lisboa, Caminho
- AMARAL, Ilídio (1964) *Santiago de Cabo Verde: A Terra e os Homens*, Memórias da Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa
- AMARÍLIS, Orlanda (1991[1974]) *Cais—do—Sodré té Salamansa*, (2ª Edição), Linda—a—Velha, ALAC
- CANIATO, Benilde Justo Lacorte (1985) “*Hora di Bai*: Típica Síntese Cabo-verdiana”, Actes du Colloque International, Paris, 28-29-30 Nov., 1 Dec. 1984 in *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l’identité individuelle et nationale*, Paris, Fund. Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, pp. 207-213
- CARREIRA, António (1977) *Cabo Verde: Classes Sociais, Estrutura Familiar, Migrações*, Lisboa, Ulmeiro
- CARREIRA, António (1984[1977]) *Cabo Verde: Aspectos Sociais, Secas e Fomes do Século XX*, Lisboa, Ulmeiro
- CARREIRA, António (1985) *Demografia Caboverdeana: Subsídios para o seu estudo (1807-1983)*, s.l., Instituto Cabo-verdiano do Livro
- CARVALHO, Alberto Duarte (1985) “Emergência do Discurso da Agressividade na Poesia Cabo-verdiana”, Actes du Colloque International, Paris, 28-29-30 Nov., 1 Dec. 1984 in *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l’identité individuelle et nationale*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, pp. 215-224
- COPANS, Jean et al. (1981[1971]) *Antropologia, Ciência das Sociedades Primitivas?*, Lisboa, Edições 70
- FERREIRA, Manuel (1967[1948]) *Morna*, (2ª edição reescrita) Lisboa, Início

⁹ O termo *tabanca*, na Guiné-Bissau designa a aldeia. No caso de Cabo Verde, na Ilha de Santiago, são associações que se assemelham às antigas confrarias mas que foram perdendo, pelo menos em parte, o seu cariz exclusivamente religioso. “(...) constatamos que os membros das actuais *tabancas* se definiram como “uma associação laica de mútuo socorro” com características de ajuda recíproca, no tempo passado em todas as circunstâncias dos momentos cerimoniais (baptismo, casamento, festividade, enterro, etc.), mas que no tempo actual só se cingem a enterros, actividades de rezas e organização das festividades do Santo padroeiro”. Sernedo e Turano, 1997:98.

- FERREIRA, Manuel (1980[1962]) *Hora di bai*, (4ª Edição), Lisboa, Plátano Editora
- FERREIRA, Manuel (1984[1971]) *Voz de Prisão*, Lisboa, Plátano Editora
- LOPES, Manuel (1991[1960]) *Os Flagelados do Vento Leste*, (3ª Edição), Lisboa, Vega
- MARIANO, Gabriel (s.d.) *Vida e Morte de João Cabafume*, Lisboa, Vega
- MASCARENHAS, Arlindo Pereira (1984) *As Associações Funerárias na Ilha de Santiago: A sua função social*, trabalho realizado no âmbito do Curso Básico de Ciências Sociais, (fotocopiado), Praia, Instituto Amílcar Cabral
- MASCARENHAS, Maria Margarida (1988) *...Levedando a Ilha*, s.l., Instituto Caboverdiano do Livro
- MIRANDA, Nuno de (1989) *Cais de Pedra*, Praia, Cabo Verde
- MOHEN, Jean Pierre (1995) *Les Rites d'au-delà*, Paris, Éditions Odile Jacob
- NETO, João Cabral de Melo (1967) *Morte e Vida Severina (Auto de Natal Pernambucano)*, Rio de Janeiro, Sabiá
- ROMANO, Luís (1983[1962]) *Famintos*, Lisboa, Ulmeiro
- SEMEDO, José Maria; TURANO, Maria R. (1997) *Cabo Verde: O Ciclo Ritual das Festividades da Tabanca*, Praia, Spleen Edições
- SILVEIRA, Onésimo (1991) *A Saga das As-Secas e das Graças de Nossa Senhora*, Mem Martins, Pub. Europa—América
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique (1983[1978]) *Ilhéu de Contenda*, Mem Martins, Pub. Europa—América
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique (1985) "A Igreja e a Literatura em Cabo Verde", Actes du Colloque Internat., Paris, 28-29-30 nov., 1 dec. 1984 in *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise: A la recherche de l'identité individuelle et nationale*, Paris, Fund. Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, pp. 303-308
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique (1990) *Djunga*, Mem Martins, Pub. Europa-América
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique (1998[1972]) *Contra Mar e Vento*, Mem Martins, Pub. Europa—América
- TURNBULL, Colin (1989[1973]) *The Mountain People*, Londres, Paladin